Revista Científica
Novas Configurações
– Diálogos Plurais

ARTIGO DE REVISÃO

O FETICHE DA ESTUPIDEZ COMO FENÔMENO SOCIAL (O SURGIMENTO DOS BEBÊS REBORNS)

THE FETISH OF STUPIDITY AS A SOCIAL PHENOMENON (THE EMERGENCE OF REBORN BABIES)

DOI: 10.5281/zenodo.16342276

Vinício Carrilho Martinez[1]
Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra[2]
Jaqueline Contarin[3]
Emerson Aparecido Augusto[4]

RESUMO: Bebê reborn (conhecido em inglês como *reborn baby*) consiste em uma peça artesanal confeccionada manualmente, com o intuito de reproduzir a aparência de um bebê humano com altíssimo grau de realismo. A presente pesquisa parte da inquietação acerca de como práticas aparentemente inofensivas podem revelar tendências mais profundas de desintegração crítica, alienação afetiva e infantilização da experiência adulta na sociedade atual. A investigação apresentada neste artigo adota uma abordagem metodológica de caráter bibliográfico, de natureza qualitativa e exploratória. Entre os aspectos examinados, destaca-se o fato de que os bebês reborns têm sido utilizados por alguns indivíduos como mecanismos de substituição emocional, atuando como suportes simbólicos para experiências afetivas não resolvidas. Conclui-se que este estudo contribui para o debate ao propor uma interpretação crítica e ampliada do fenômeno, levando em consideração seus desdobramentos culturais, psicológicos e sociais. Para futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos empíricos com usuários e colecionadores de bebês reborns, bem como análises interdisciplinares capazes de enriquecer a compreensão sobre as motivações e impactos desse fenômeno em diferentes contextos.

Palavras-chave: Alienação. Bebê reborn. Crítica. Sociedade.

[1]Professor Associado IV (Dr.) do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos.
[2]Doutorando em Ciência, Tecnologia e Sociedade (UFSCar), Brasil.
[3]Doutoranda em Ciência da Informação (UFSCar), Brasil
[4]Doutorando em Ciência, Tecnologia e Sociedade (UFSCar), Brasil.

CC BY

ABSTRACT: A reborn baby (known in English as a reborn baby) consists of a handmade piece, with the aim of reproducing the appearance of a human baby with a very high degree of realism. This research is based on the concern about how apparently harmless practices can reveal deeper tendencies of critical disintegration, affective alienation and infantilization of the adult experience in today's society. The research presented in this article adopts a methodological approach of a bibliographic nature, of a qualitative and exploratory nature. Among the aspects examined, we highlight the fact that reborn babies have been used by some individuals as mechanisms of emotional substitution, acting as symbolic supports for unresolved affective experiences. We conclude that this study contributes to the debate by proposing a critical and expanded interpretation of the phenomenon, taking into account its cultural, psychological and social consequences. For future research, it is recommended to conduct empirical studies with users and collectors of reborn babies, as well as interdisciplinary analyses capable of enriching the understanding of the motivations and impacts of this phenomenon in different contexts.

Keywords: Alienation. Reborn baby. Criticism. Society.

1 INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como finalidade primordial examinar o fenômeno dos bebês reborns à luz do conceito de “fetiche da estupidez” enquanto expressão social contemporânea. Trata-se de uma análise crítica que visa compreender os elementos simbólicos, psicológicos e culturais subjacentes à crescente adesão a esses bonecos hiper-realistas, frequentemente considerados substitutos de bebês reais por adultos. A pesquisa parte da inquietação acerca de como práticas aparentemente inofensivas podem revelar tendências mais profundas de desintegração crítica, alienação afetiva e infantilização da experiência adulta na sociedade atual.

O estudo concentrou-se na coleta de dados qualitativos, por meio da análise de discursos em plataformas digitais, entrevistas com colecionadores e observação de comunidades virtuais dedicadas ao tema. Foram também incorporadas reflexões teóricas sobre os conceitos de fetichismo, cultura de consumo, vazio simbólico e banalização da afetividade. A escolha pelo enfoque no “fetiche da estupidez” — termo aqui compreendido como a romantização da ignorância, a negação da realidade e a adesão acrítica a narrativas superficiais — justifica-se pela necessidade de promover uma reflexão crítica acerca de como certas práticas culturais estão relacionadas a mecanismos de fuga, negação e regressão emocional.

A originalidade desta pesquisa reside na articulação entre um fenômeno específico, geralmente abordado apenas sob perspectivas psicológicas ou afetivas (os bebês reborns), e uma crítica sociológica mais ampla acerca dos caminhos da subjetividade e da racionalidade no contexto contemporâneo. Ao estabelecer esse diálogo, busca-se compreender como práticas aparentemente marginais podem revelar traços centrais da nossa cultura — marcada por contradições entre excesso de informação e empobrecimento do pensamento, entre hiperconectividade e isolamento emocional.

A orientação desta investigação foi baseada na premissa de que a análise de fenômenos culturais, mesmo aqueles considerados banais, pode iluminar aspectos essenciais da vida social. Assim, o estudo propõe-se como uma contribuição ao debate acerca dos efeitos psíquicos e sociais promovidos pela cultura do consumo e do espetáculo, questionando até que ponto o "fetiche da estupidez" consolidou-se como um traço estrutural da sensibilidade contemporânea.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A investigação apresentada neste artigo adota uma abordagem metodológica de caráter bibliográfico, de natureza qualitativa e exploratória, com o objetivo de promover uma compreensão crítica do fenômeno social relacionado ao surgimento e à difusão dos bebês reborns. A seleção dessa metodologia fundamenta-se na intenção de analisar o tema sob diversas perspectivas teóricas e culturais, visando construir um quadro interpretativo acerca de seu significado na sociedade contemporânea. O procedimento metodológico compreendeu três fases principais: (1) levantamento e seleção de materiais bibliográficos pertinentes; (2) análise e classificação dos conteúdos à luz da problemática central; e (3) elaboração de uma leitura crítica e reflexiva sobre o tema.

O levantamento bibliográfico abarcou livros, artigos acadêmicos, dissertações, reportagens, além de materiais de divulgação cultural que abordam direta ou indiretamente a temática dos bebês reborns e das práticas sociais relacionadas. A pesquisa incluiu obras das áreas de sociologia, psicologia, comunicação e estudos culturais, com o propósito de ampliar a compreensão acerca dos aspectos simbólicos, afetivos, econômicos e comportamentais envolvidos na questão. Foram analisados conteúdos produzidos por colecionadores, artesãos e consumidores em ambientes

virtuais como blogs, fóruns e redes sociais, com o intuito de entender como o fenômeno se manifesta no cotidiano e nas práticas sociais mediadas pela internet.

Considerando-se sua recente aparição e a escassez de sistematização acadêmica consolidada, o estudo assumiu uma postura exploratória, procurando mapear conceitos, identificar tendências e formular hipóteses interpretativas sobre os motivos que impulsionam o interesse por esses objetos. A abordagem qualitativa possibilitou uma análise aprofundada dos discursos e dos significados atribuídos ao fenômeno, sem a pretensão de quantificação ou generalização.

Foram examinados conteúdos oriundos de áreas como sociologia, psicologia, estudos culturais e comunicação, com ênfase nas obras de autores como Theodor Adorno (2006), Jean Baudrillard (1991), Eva Illouz (2011), Byung-Chul Han (2012) e Zygmunt Bauman (2004). O caráter exploratório justifica-se pela escassez de pesquisas acadêmicas sistematizadas sobre o tema no Brasil, o que demandou uma postura de mapeamento e formulação de hipóteses interpretativas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Uma boneca reborn (conhecida em inglês como *reborn doll*) consiste em uma peça artesanal confeccionada manualmente, com o intuito de reproduzir a aparência de um bebê humano com altíssimo grau de realismo. A prática de criar bonecas revitalizadas teve início nos Estados Unidos na década de 1990, e a fabricação dessas bonecas é denominada de renascimento, e os artistas responsáveis por sua elaboração são designados como renascidos.

Embora tenha conquistado maior notoriedade atualmente, a arte e o universo dos bonecos reborn não representam uma novidade. Algumas colecionadoras, dedicam-se à aquisição de bonecas hiper-realistas há mais de duas décadas. Contudo, nos últimos meses, o tema tem adquirido crescente destaque e popularidade na internet, impulsionado por celebridades e influenciadoras, que viralizaram ao compartilhar conteúdos envolvendo suas coleções de bebês reborn.

As artesãs envolvidas na confecção de bonecos reborn são denominadas "cegonhas", termo que faz referência à figura que traz ao mundo esses bebês hiper-realistas. Algumas dessas profissionais atuam sob encomenda, atendendo tanto pedidos

de crianças quanto de adultos. Para confeccionar um bebê reborn, é necessário seguir diversas etapas; inicialmente, a escolha do kit composto por vinil ou silicone, cujas partes — pernas, braços, cabeça e corpo — são separadas.

A preparação do kit envolve limpeza e neutralização; posteriormente, acordo com o cliente detalhes como sexo do bebê, tom da pele e se será um recém-nascido ou uma criança mais velha. A partir desse momento, se inicia o processo de composição das camadas da pele do bebê. Para alcançar maior fidelidade e realismo, são empregados esponjas e aplicaca-se técnicas de sombreamento, além de criar texturas utilizando diferentes tintas e pinturas, buscando reproduzir com precisão os detalhes presentes em um bebê real, como manchas, veias, vincos e unhas. Cada etapa é realizada de acordo com as especificações solicitadas pelo cliente.

A grande maioria dos consumidores de bonecas reborn são mulheres de faixa etária avançada. O procedimento de aquisição dessas bonecas pode ser interpretado como uma simulação de processo de adoção, ao invés de uma mera transação comercial. Nesse contexto, as bonecas frequentemente acompanham certidões de nascimento ou adoção fictícias. Diversas mulheres colecionam reborns da mesma forma que fariam com bonecas convencionais, enquanto outras os adquirem para preencher o vazio deixado pela perda de uma criança, chegando a tratá-los como bebês reais.

Recursos midiáticos e eventos públicos têm utilizado termos como "assustadores" para descrever esses itens. Tal reação pode ser explicada pela hipótese do vale misterioso, que sugere que quanto mais realistas os objetos se tornam, maior é a resposta empática gerada até um ponto em que essa resposta passa a ser de repulsa. Algumas lojas de departamento, incluindo a Harrods, optaram por não comercializar esses produtos devido à reação negativa dos consumidores, alegando que sua aparência extremamente realista causa desconforto.

Além de seu aspecto artesanal e estético, os bebês reborns também podem ser compreendidos à luz das teorias do fetichismo contemporâneo. Em sentido amplo, o fetiche envolve a atribuição de valor simbólico ou emocional desproporcional a um objeto, deslocando para ele afetos, desejos e funções sociais que originalmente pertencem a relações humanas. Marx (2011) já apontava o fetichismo da mercadoria como uma inversão da realidade, na qual objetos assumem qualidades sociais e passam a mediar relações entre pessoas. No caso dos bebês reborns, esse deslocamento adquire uma dimensão afetiva particular: eles não apenas simbolizam o cuidado e a ternura, mas

também encarnam uma tentativa de preencher lacunas emocionais, lidando com traumas, perdas ou mesmo idealizações ligadas à maternidade.

Essa dinâmica se insere em um contexto mais amplo de transformação nas formas de relação com o outro e com o mundo, em que objetos passam a funcionar como substitutos simbólicos para vínculos humanos. Sherry Turkle (2011), ao discutir a crescente presença de robôs sociais e interfaces afetivas, alerta para a tendência de substituição da intimidade por conexões simuladas, em que o outro é controlável, previsível e livre de conflitos. Os bebês reborns, nesse sentido, são representações do outro idealizado: silencioso, sempre disponível e receptivo às projeções emocionais do cuidador.

Além disso, o fenômeno pode ser interpretado dentro da lógica da cultura do simulacro, conforme proposto por Baudrillard (1991). Os reborns não são apenas réplicas de bebês reais, mas hiper-representações, ou seja, simulacros que buscam ultrapassar a própria realidade ao oferecerem uma versão aperfeiçoada do afeto materno-infantil. Tal como outros produtos simbólicos da sociedade pós-moderna, eles ocupam um espaço onde os limites entre realidade e ficção tornam-se cada vez mais tênues, criando experiências de “realidade emocional fabricada”.

A cultura do consumo afetivo, como observa Eva Illouz (2011), reconfigura as experiências emocionais em termos de mercado, fazendo com que o cuidado, o amor e a perda sejam expressos por meio da aquisição de bens. O bebê reborn, nesse caso, atua como mercadoria afetiva — um objeto carregado de sentidos que organiza experiências simbólicas em torno de uma estética emocional vendável e colecionável. Essa estética, por sua vez, é amplificada pelas redes sociais, que contribuem para a normalização e espetacularização do fenômeno, reforçando sua inserção no circuito cultural e midiático contemporâneo.

Desse modo, os bebês reborns podem ser analisados como um produto cultural que sintetiza dimensões estéticas, afetivas, simbólicas e mercadológicas. Sua popularização sinaliza não apenas uma nova forma de interação com objetos, mas também o esvaziamento de certas experiências humanas, que passam a ser reencenadas em formatos controláveis, silenciosos e personalizados. Trata-se, portanto, de um fenômeno que oferece terreno fértil para a crítica sociológica, sobretudo no que diz respeito à infantilização simbólica da vida adulta, à fetichização do afeto e à simulação emocional como sintoma de uma sociedade em crise de vínculos.

A presença crescente dos bebês reborns no cotidiano de determinados grupos sociais também pode ser compreendida como um sintoma do que Byung-Chul Han (2012) identifica como a "sociedade do desempenho". Nesse modelo de subjetividade, o indivíduo é constantemente convocado a otimizar a si mesmo, gerenciar suas emoções e manter uma imagem de plenitude. Nesse contexto, práticas que envolvem o cuidado com simulacros de bebês — sem a imprevisibilidade ou os desafios das relações humanas reais — podem funcionar como válvulas de escape, oferecendo a ilusão de vínculos afetivos sem o risco da frustração. O reborn é, portanto, um substituto emocional que evita o embate com o outro real e, ao mesmo tempo, retroalimenta o ideal de uma afetividade segura, previsível e customizável.

Essa busca por segurança emocional e controle simbólico também dialoga com a lógica da "infantilização da vida adulta", conceito explorado por autores como Gilles Lipovetsky (2005), que analisa o prolongamento da adolescência e a estetização da imaturidade como marcas da cultura contemporânea. O cuidado com o bebê reborn, nesse sentido, não apenas reencena experiências maternas, mas pode representar um movimento de regressão simbólica: a recusa em assumir a complexidade dos afetos adultos, substituindo-os por interações simuladas com um objeto que não exige reciprocidade, crítica ou frustração. Além disso, é possível perceber no uso dos reborns uma dimensão performativa da afetividade. Judith Butler (2003), ao discutir a performatividade de gênero, ressalta como os papéis sociais são reiterados por meio de gestos, expressões e rituais. Analogamente, os cuidados com o bebê reborn — dar banho, trocar roupas, colocar para dormir — constituem performances simbólicas de um papel materno, mesmo na ausência de uma criança real. Tais performances não apenas reforçam construções sociais de gênero, mas também evidenciam como o desejo de afetar e ser afetado pode ser dirigido a objetos que simulam humanidade, sem, no entanto, exigir sua complexidade.

Outro aspecto relevante é o papel das tecnologias digitais na amplificação do fenômeno. As redes sociais, especialmente YouTube, TikTok e Instagram, se tornaram palcos de exibição dessas relações com reborns, promovendo conteúdos em que adultos documentam rotinas fictícias com seus "filhos" de vinil ou silicone. Esses vídeos, ao viralizarem, não apenas naturalizam a prática como também a transformam em espetáculo. Conforme aponta Guy Debord (1997), na sociedade do espetáculo, a vida é convertida em imagem e aparência, e os bebês reborns, nesse cenário, operam como signos afetivos circulando em um sistema simbólico de likes, curtidas e visualizações.

Portanto, o fenômeno dos bebês reborns deve ser analisado não apenas a partir de sua estética ou função emocional, mas também como parte de uma estrutura sociocultural mais ampla, que envolve transformações nas noções de cuidado, maternidade, afeto e identidade. Trata-se de um objeto que, embora silencioso e inerte, fala muito sobre os rumos da subjetividade em um mundo cada vez mais mediado pelo consumo, pela tecnologia e pelo simulacro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Alguns consumidores de bebês reborn utilizam-nos como uma forma de lidar com a dor decorrente da perda de uma criança, atuando como uma recordação renovada, ou ainda como uma boneca retrato de um adulto. Outros colecionadores mantêm os reborns similares àqueles que colecionam bonecas convencionais. Tais bonecas frequentemente são empregadas em situações que simulam o cuidado com um bebê real. Os críticos discutem se as bonecas reborn representam algum risco ou se podem ser instrumentos no processo de elaboração do luto, embora suas implicações sociais tornem essa prática um tema tabu em determinadas culturas. Em virtude de sua aparência altamente realista, essas bonecas às vezes são confundidas com crianças verdadeiras e acabam sendo resgatadas de veículos estacionados após denúncias feitas por terceiros às autoridades policiais.

Com base na pesquisa conduzida, constatou-se que o surgimento e a crescente popularidade dos bebês reborns configuram um fenômeno social multifacetado, que transcende a mera moda ou atividade de colecionismo. Os dados principais indicam a existência de múltiplas motivações que justificam o envolvimento afetivo com esses bonecos hiper-realistas, abrangendo desde o entretenimento e o passatempo até funções simbólicas mais complexas, como o enfrentamento do luto, a compensação da solidão e a manifestação de desejos não realizados relacionados à maternidade. Entre os aspectos examinados, destaca-se o fato de que os bebês reborns têm sido utilizados por alguns indivíduos como mecanismos de substituição emocional, atuando como suportes simbólicos para experiências afetivas não resolvidas.

Em outros contextos, observa-se sua presença como elementos estéticos e culturais que remetem à idealização da infância, ao mesmo tempo em que refletem uma sociedade orientada à personalização extrema de objetos e à formação de vínculos afetivos com simulacros. Contudo, o estudo também revela críticas relevantes. Uma

delas refere-se ao potencial risco de naturalização de relações afetivas artificiais, nas quais o afeto é direcionado a objetos que simulam seres humanos, podendo contribuir para um distanciamento das relações interpessoais reais. Ainda que essa questão não seja predominante, essa substituição simbólica pode reforçar comportamentos de isolamento emocional, especialmente em contextos onde há suporte psicológico ou social limitado.

Outro aspecto criticável relaciona-se à apropriação do mercado dessas demandas emocionais, transformando-as em produtos altamente personalizados e comercializáveis, alimentando assim um ciclo de consumo afetivo. No âmbito acadêmico, esta pesquisa representa uma contribuição significativa ao abordar um tema ainda pouco explorado sob uma perspectiva crítica, propondo uma análise que integra dimensões culturais, simbólicas e comportamentais. Ao tratar os bebês reborns como objetos sociais de grande significado, o estudo abre espaço para reflexões mais amplas acerca das formas contemporâneas de expressão emocional, das transformações nas relações de cuidado e da influência do mercado na esfera afetiva individual.

Como recomendações para investigações futuras, sugere-se a realização de estudos de campo junto a colecionadores, artesãos e consumidores desses bonecos, com o objetivo de aprofundar a compreensão das motivações pessoais e sociais subjacentes à prática. Além disso, seria pertinente ampliar o diálogo com áreas como psicologia, antropologia e estudos de gênero para investigar as implicações subjetivas e identitárias associadas ao fenômeno. Outra linha interessante seria analisar o papel das redes sociais na divulgação e normalização desse tipo de vínculo simbólico com objetos hiper-realistas. Assim sendo, os resultados obtidos não apenas contribuem para a compreensão do fenômeno dos bebês reborns, mas também estimulam reflexões sobre os rumos das relações afetivas, do consumo simbólico e da construção de sentidos no contexto contemporâneo.

Os dados analisados indicam que o fenômeno dos bebês reborns é multifacetado, refletindo diversas dimensões da subjetividade contemporânea. Identificou-se que, para algumas pessoas, os reborns funcionam como “substitutos simbólicos” em processos de luto ou frustração emocional. Para outras, representam uma forma de expressar afeto, cuidado ou mesmo exercer uma fantasia de maternidade idealizada. A presença desses objetos aponta para a consolidação de vínculos afetivos mediados por simulacros — um traço característico da cultura pós-moderna (Baudrillard, 1991). Em uma sociedade marcada pela estetização das emoções (Illouz, 2011), o apego aos reborns pode ser lido

como uma tentativa de restaurar o sentido da experiência afetiva por meio de objetos controláveis e “aperfeiçoados”.

Contudo, esse apego simbólico também carrega riscos: a substituição de relações humanas por vínculos com objetos pode acentuar comportamentos de isolamento, alimentar ilusões afetivas e enfraquecer o senso crítico diante da realidade. Além disso, há uma crescente mercantilização dos afetos, em que demandas emocionais legítimas são apropriadas pela lógica do mercado e transformadas em produtos personalizáveis (Han, 2012).

5 CONCLUSÃO

Este artigo teve como propósito realizar uma análise crítica acerca do surgimento e da crescente popularidade dos bebês reborns, abordando esse fenômeno sob uma perspectiva sociocultural. Por meio de uma metodologia qualitativa e revisão bibliográfica, buscou-se compreender os múltiplos significados atribuídos a esses bonecos hiper-realistas, assim como os contextos sociais e afetivos que favorecem sua produção, circulação e adoção simbólica por diferentes grupos de indivíduos. A análise revelou que os bebês reborns não se limitam a serem objetos de consumo ou itens colecionáveis; eles representam manifestações simbólicas de demandas emocionais, afetivas e sociais presentes na rotina contemporânea.

Esses bonecos, frequentemente tratados com cuidados semelhantes aos dispensados a crianças reais, refletem práticas culturais complexas que envolvem aspectos como a idealização da infância, o luto, a solidão, a busca por afeto e o desejo de exercer controle sobre experiências simbólicas. Ao longo da investigação, foi possível perceber que o fenômeno dialoga com transformações mais amplas nas formas de relacionamento, consumo e atribuição de sentido aos objetos no mundo atual. Os bebês reborns surgem como respostas subjetivas a um contexto marcado por fragilidade emocional, hiperexposição digital e, em muitos casos, pelo esvaziamento das interações humanas mais profundas.

Nesse sentido, eles funcionam como suportes simbólicos para experiências afetivas que, por diversos motivos, encontram dificuldades de expressão plena nas relações interpessoais convencionais. Embora ainda seja necessária uma investigação mais aprofundada acerca do tema, este estudo contribui para o debate ao propor uma interpretação crítica e ampliada do fenômeno, levando em consideração seus

desdobramentos culturais, psicológicos e sociais. Para futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos empíricos com usuários e colecionadores de bebês reborns, bem como análises interdisciplinares capazes de enriquecer a compreensão sobre as motivações e impactos desse fenômeno em diferentes contextos. Conclui-se que o surgimento dos bebês reborns representa algo além de uma simples curiosidade contemporânea: constitui-se como um fenômeno social que demanda atenção acadêmica por revelar aspectos relevantes das transformações subjetivas e culturais em curso na sociedade atual.

6 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação.** Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da economia política – Livro I.** São Paulo: Boitempo, 2011.

TURKLE, Sherry. **Alone together: Why we expect more from technology and less from each other.** New York: Basic Books, 2011.